

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

EXPRESSÕES DE TEMPO DECORRIDO COM *TER* E *HVER* NA FALA SEMI-  
ESPONTÂNEA E NA ESCRITA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO  
PORTUGUÊS EUROPEU

Clara Garcia Alves

Rio de Janeiro

2023

EXPRESSÕES DE TEMPO DECORRIDO COM *TER* E *HVER* NA FALA SEMI-  
ESPONTÂNEA E NA ESCRITA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO  
PORTUGUÊS EUROPEU

Clara Garcia Alves

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em Letras na habilitação Português-  
Inglês.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Eugenia  
Lammoglia Duarte

Rio de Janeiro

2023

## **DEDICATÓRIA**

À Karla, por tornar essa conquista possível.

## AGRADECIMENTOS

São tantas as pessoas que participaram da minha trajetória até aqui, que peço desculpas àquelas que não forem mencionadas. Saibam que estão em meu coração e têm grande influência nesta minha conquista.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora Maria Eugênia Lammoglia Duarte que, desde o 5º período de minha graduação, me guiou até aqui, e que durante toda a orientação da pesquisa de Iniciação Científica fez questão de demonstrar que acreditava no meu potencial e que estava disposta a compartilhar seu conhecimento. Sempre me orientando de forma paciente, doce e firme. Sempre me incentivando e me inspirando.

À minha mãe, que trilhou esse caminho junto comigo, abdicou de seu tempo para me acompanhar até a faculdade todos os dias para me dar todo o suporte de que eu precisava. Desde que eu era criança, me incentivou a estudar e me fez acreditar que eu poderia fazer o que eu quisesse. É por você que chego até aqui.

A toda minha família, que sempre foi minha rede de apoio. Principalmente, meu pai, que fez a prova do ENEM junto comigo para me incentivar.

Aos meus amigos que fiz na graduação: Adriano, Caroline, Isabelle, Juliana, Paloma e Thayanna, que tornaram a graduação mais leve e divertida. Obrigada por todas as risadas, todas as conversas, apoio, suporte e todos os rodízios de pizza a cada fim de período. Irei carregar vocês sempre em meu coração.

Por fim, a todos que, como disse inicialmente, não apareceram aqui, mas foram de fundamental importância, para a realização deste sonho

## **EPÍGRAFE**

“É a língua o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em variação linguística.” (William Labov)

## RESUMO

### EXPRESSÕES DE TEMPO DECORRIDO COM *TER* E *HVER* NA FALA SEMI-ESPONTÂNEA E NA ESCRITA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO PORTUGUÊS EUROPEU

Clara Garcia Alves

Orientadora: Professora Doutora Maria Eugenia Lammoglia Duarte

Estudos diacrônicos e sincrônicos mostram a robustez de *haver* existencial no Português Europeu (PE) e sua substituição por *ter* no Português Brasileiro (PB) (CALLOU; AVELAR, 2000, MARINS, 2013, entre muitos outros). Assim, no PB, o contexto de resistência de *haver* é seu uso nas expressões de tempo decorrido (ETDs), nos termos de Avelar (2011). Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise da ocorrência de *haver* nessas expressões e investigar até que ponto já se pode observar implementação de *ter* nessas mesmas expressões, com base em amostras da fala carioca e lisboeta e uma pequena amostra de peças de teatro popular escritas no Rio de Janeiro e Lisboa.

**Palavras-chave:** Português Brasileiro. Português Europeu. Expressões de tempo decorrido. Parâmetro do Sujeito Nulo. Encaixamento linguístico e social.

## ABSTRACT

### ELAPSED TIME EXPRESSIONS WITH *TER* AND *HAYER* IN SEMI-SPONTANEOUS SPEECH AND WRITING OF BRAZILIAN PORTUGUESE AND EUROPEAN PORTUGUESE

Clara Garcia Alves

Orientadora: Professora Doutora Maria Eugenia Lammoglia Duarte

Diachronic and synchronic studies show the robustness of existential *haver* in European Portuguese (EP) and its replacement by *ter* in Brazilian Portuguese (BP) (CALLOU; AVELAR, 2000, MARINS, 2013, among many others). Thus, in BP, the context of resistance of *haver* is its use in elapsed time expressions (ETDs), in the terms of Avelar (2011). This work aims to present an analysis of the occurrence of these expressions in order to investigate the frequency of use of *haver* and to observe to what extent the implementation of *ter* can already be attested in these expressions, based on samples of carioca and lisboeta speeches and a small sample of popular theatre plays written in Rio de Janeiro and Lisbon.

**Keywords:** Brazilian Portuguese. European Portuguese. Expressions of elapsed time. Null Subject Parameter. Linguistic and social embedding.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. O VERBO HAVER – DE VERBO EXISTENCIAL A MARCADOR DE EXPRESSÕES DE TEMPO DECORRIDO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. DOIS ESTUDOS SOBRE AS EXPRESSÕES DE TEMPO DECORRIDO NA LÍNGUA ORAL .....</b>	<b>14</b>
<b>3. METODOLOGIA E SUPORTE TEÓRICO .....</b>	<b>18</b>
<b>4. ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>20</b>
4.1. Resultados para o PE oral .....	21
4.2. Resultados para o PB oral.....	23
4.3. Resultados para as peças de teatro portuguesas .....	27
4.4. Resultados para as peças de teatro brasileiras .....	29
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>32</b>



## LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1:** Distribuição das sentenças existenciais no PE ao longo dos 7 períodos de tempo (Fonte: MARINS, 2013, p. 78) ..... 12
- Gráfico 2:** Distribuição de *haver*, *ter*, *existir* ao longo dos 7 períodos de tempo (PB) (Fonte: MARINS, 2013, p. 61) ..... 13
- Gráfico 3:** Frequências das ETDs com *ter* e *haver* na fala carioca, entre indivíduos **com** curso superior, nas décadas de 70 e 90 (Fonte: AVELAR, 2011, p. 174) ..... 16
- Gráfico 4:** Frequências das ETDs com *ter* e *haver* na fala carioca, entre indivíduos **sem** curso superior, nas décadas de 80 e 90 (Fonte: AVELAR, 2011, p. 174) ..... 17
- Gráfico 5:** Distribuição dos padrões sintáticos das ETDs-haver em relação ao nível de escolaridade dos falantes do PE ..... 22
- Gráfico 6:** Distribuição dos padrões sintáticos em relação à faixa etária dos falantes do PE ..... 23
- Gráfico 7:** Distribuição de *haver* e *ter* em relação ao nível de escolaridade dos falantes do PB..... 25
- Gráfico 8:** Distribuição de *haver* e *ter* em relação à faixa etária dos falantes do PB ..... 26

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Distribuição geral dos dados dos padrões sintáticos com ETDs-haver na fala do PE .....	21
<b>Tabela 2:</b> Distribuição geral dos dados dos padrões sintáticos da fala do PB .....	24
<b>Tabela 3:</b> Distribuição dos dados de ETDs-haver nas peças portuguesas, segundo os padrões sintáticos nas peças portuguesas .....	27
<b>Tabela 4:</b> Distribuição dos dados dos com ETDs-haver nas peças brasileiras, segundo os padrões sintáticos nas peças brasileiras .....	29

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise da competição entre os verbos *haver* e *ter* nas expressões de tempo decorrido com base em amostras da fala carioca e lisboeta e uma pequena amostra de peças de teatro popular escritas no Rio de Janeiro e Lisboa nos anos 1840 e 1990. Como as peças de teatro de caráter popular, que constituem nossa amostra, tendem a se aproximar da fala de seu tempo, esperamos poder acompanhar o comportamento diacrônico dessas construções, realizando uma análise contrastiva entre o Português Europeu (PE) e o Português Brasileiro (PB).

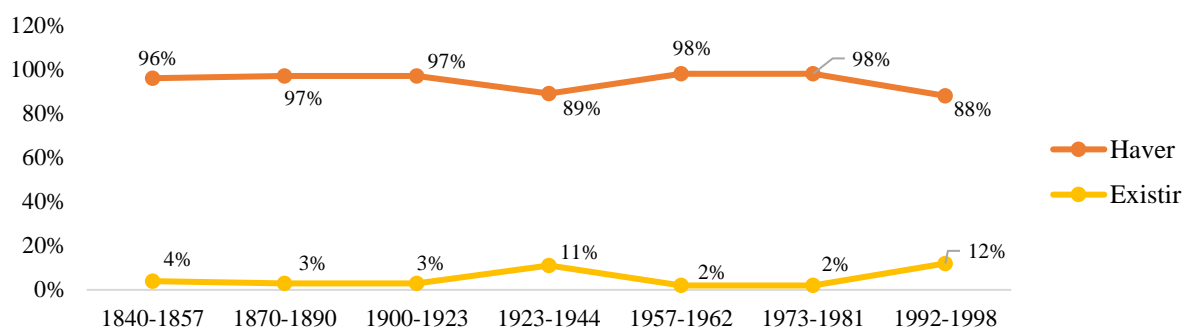
Na seção 1, apresentamos a vitória de *ter* sobre *haver* existencial no PB e a força de *haver* no PE, sem qualquer ocorrência de *ter* existencial, a partir dos resultados de Marins (2012; 2013). Na mesma seção, apontamos o contexto de resistência de *haver* no PB nas expressões de tempo decorrido (ETDs), objeto de estudo desta monografia. Na seção 2, apresentamos dois estudos sobre as ETDs com base na fala carioca e maceioense, que servirão de base para a presente análise. Em 3, a metodologia de trabalho – com a descrição das amostras, os grupos de fatores levantados e as hipóteses de trabalho – é apresentada e, finalmente, em 4, serão apresentados os resultados a que a pesquisa conseguiu chegar.

### 1. O VERBO HAVER – DE VERBO EXISTENCIAL A MARCADOR DE EXPRESSÕES DE TEMPO DECORRIDO

A competição entre os verbos *ter* e *haver* como verbos existenciais, como ilustramos em (1) a seguir, tem sido objeto de numerosos estudos, que mostram a vitória de *ter* sobre *haver* na fala espontânea (cf. CALLOU; AVELAR, 2000; AVELAR, 2006, entre muitos outros) e em peças de teatro popular, como mostra Marins (2012 e 2013).

- (1) a. Tem muitas histórias para contar.
- b. Há muitas histórias para contar.

**Gráfico 1:** Distribuição das sentenças existenciais no PE ao longo de 7 períodos de tempo  
(Fonte: MARINS, 2013, p. 78)



A análise de Marins (2012; 2013) inclui os verbos *haver*, *ter* e *existir*, utilizando peças de teatro escritas ao longo dos séculos XIX e XX, por autores brasileiros e portugueses. A hipótese da autora, com base em Avelar (2006), era que no PB, o verbo *haver* teria perdido o estatuto categorial de verbo *funcional*, ou seja, o verbo para a expressão da existência, e passado a verbo *substantivo*, tal como os verbos inacusativos, como *existir*. Em seu lugar, o verbo *ter* teria assumido o estatuto de verbo *funcional*, além de manter seu sentido de expressar posse, seu uso prototípico no PE. Para o PE, a hipótese era que *haver* manteria seu estatuto de verbo *funcional*, atuando como verbo existencial prototípico.

Sobre o conceito de verbo funcional e verbo substantivo, os pressupostos admitidos pela Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ 1994 *apud* AVELAR, 2006; EMBICK & NOYER, 2004 *apud* AVELAR, 2006) ajudam a clarear essa noção. Em resumo, essa perspectiva assegura que a gramática dos indivíduos acessa listas que reúnem informações sobre os itens lexicais. Essas listas contêm informações sobre as categorias substantivas (nas quais estão os substantivos, adjetivos e verbos plenos, como *existir*) e sobre as categorias funcionais (noções de tempo, modo, número e pessoa), a princípio sem uma matriz fonológica. Para uma determinada derivação, uma das listas é acessada e só depois as categorias funcionais são revestidas de material fonético. De acordo com Avelar (2006), *haver* teria passado de um verbo existencial funcional a um verbo existencial substantivo. O verbo *ter*, então, ocupa o lugar de *haver* como verbo funcional, se estabelecendo como o principal item lexical nas construções existenciais. O Gráfico 1 a seguir mostra os resultados de Marins (2013) para as peças portuguesas:

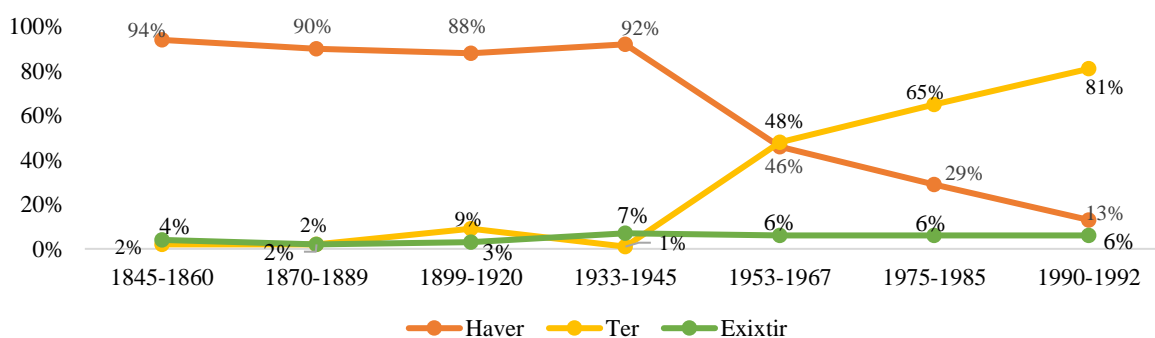
Os resultados para o PE confirmam a hipótese de Marins de *haver* como verbo existencial prototípico, tendo um percentual elevado de realização em todos os períodos

analisados, como vemos no Gráfico 1. O uso do verbo *existir* é marginal, o que confirma seu estatuto de verbo *substantivo*, no sentido de Avelar.

Os resultados de Marins (2012) para o PB, aqui retomados a partir da Tese de Marins (2013), confirmam a mudança, gradativa, mas constante, da implementação de *ter* existencial no PB, como mostra o Gráfico 2, a seguir:

**Gráfico 2:** Distribuição de *haver*, *ter* e *existir* ao longo de 7 períodos de tempo (PB)

(Fonte: MARINS, 2013, p. 61)



Podemos observar que no período I (referente aos anos 1840), o uso do verbo *haver* é *quase* categórico e comparável ao seu uso no PE, havendo apenas duas ocorrências com *existir* e nenhuma com *ter*. O predomínio de *haver* é observado nos quatro primeiros períodos. No entanto, a partir dos anos 1930, *haver* começa a cair em desuso, à medida que *ter* cresce significativamente, com uma distribuição regular no período seguinte (anos 1950). No último período (anos 1990) vemos a vitória de *ter* (81%) sobre *haver* (13%), que deixa de ser um verbo funcional para a expressão da existência no PB. *Existir* se manteve estável, com baixa frequência, ao longo de todos os períodos analisados, mantendo o mesmo estatuto que tem no PE, um verbo substantivo marginal na expressão da existência.

Com base nos seus resultados, Marins (2013) afirma que a partir do período V (referente aos anos 1953-1967) não há mais verdadeiramente uma competição entre *haver* e *ter*, mas sim um uso diferenciado das duas formas. No caso do verbo *haver*, as ocorrências mais resistentes estariam condicionadas ao traço semântico do argumento interno [+abstrato], ao tempo verbal (o uso do verbo no pretérito perfeito). Assim, o verbo *haver* passa de verbo funcional a verbo substantivo, como já mencionado acima. Além disso, nessa amostra, são reveladas poucas ocorrências de *existir*, que poderiam estar relacionadas às questões estilísticas e ao valor semântico indicando uma maior precisão para expressar a realidade de um dado elemento no mundo, do que *ter* e *haver*. O verbo *ter*, entretanto, passa a cumprir seu papel de verbo

existencial prototípico no PB. Portanto, a autora conclui que *ter* e *haver* não são hoje variantes em competição no PB, mas sim formas coexistentes na gramática de um mesmo falante, tendo *haver* um uso mais restrito, como vimos acima.

Com a perda do estatuto de verbo funcional, o verbo *haver* se destaca no PB como um importante marcador nas expressões de tempo decorrido (doravante ETDs), que “servem para indicar o tempo decorrido entre um estado de coisas e um determinado ponto (nem sempre explícito no enunciado) do eixo temporal.” (AVELAR, 2011, p. 161). Essas expressões são exemplificadas em (2), com dados da amostra de peças teatrais que serão analisadas neste trabalho:

- (2) a. REGINA - Eu já fiz essa lista **há** muito tempo. [A partilha, Miguel Falabella, p.11, 1990]  
b. MARIA LÚCIA - Não dá pra acreditar, Selma. Você não vê **há** dois anos e vai me infernizar por causa da porra de um chapéu? [A partilha, Miguel Falabella, p. 6, 1990]  
c. NILSON - Esse passou no Pathé **tem** uns dois anos já. [No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992]

Nosso objetivo é observar até que ponto já é possível observar a implementação de *ter* nas ETDs. O exemplo em (3) mostra esse uso na fala espontânea, que também será analisada neste trabalho:

- (3) Eu não voto... **Tem** dois anos que eu não voto em ninguém. Duas eleições que eu não voto em ninguém [COP 2 C H]

## 2. DOIS ESTUDOS SOBRE AS EXPRESSÕES DE TEMPO DECORRIDO NA LÍNGUA ORAL

Avelar (2011) ao analisar o comportamento das ETDs, na fala carioca no último quartel do século XX, propõe que **não se trata de uma simples alternância lexical entre *ter* e *haver* em uma estrutura sintática idêntica**, mas sim de uma sobreposição de **dois padrões sintáticos com estruturas distintas**, servindo às expressões de tempo decorrido, sendo *ter* de base oracional e *haver* (no presente do indicativo) de base nominal. Nessa concepção, *haver* teria caráter de **preposição** e não de verbo. Isso é, a forma *há* nas expressões de tempo decorrido

deve ser tratada como um constituinte do sintagma nominal, equivalendo a uma preposição que encabeça o SN, condicionado pela perda do estatuto verbal. O autor assegura que o fato de advérbios como *atrás, acima, abaixo, antes, adentro*, entre outros serem inseridos em sintagmas nominais com valor semântico de locação e de tempo, sugere que o verbo *haver* inserido nas ETDs com o advérbio *atrás* e outros não altera a categoria nominal das construções. No entanto, como mostra a agramaticalidade das sentenças com *ter* seguidas desses mesmos advérbios causando estranhamento, é possível dizer que essas estruturas ETDs-ter, possuem **estatuto verbal**, sendo incompatíveis com a presença de advérbios modificadores ao contrário das ETDs-ter:

- (4) a. Esse médico mataram lá em Maceió **há três anos atrás**. [COP 2 B M]  
b. \*Esse médico mataram lá em Maceió **tem três anos atrás**.  
c. **Há dez anos atrás** nós víamos pessoas usando bandana [NIG A 3 H]  
d. \***Tem dez anos atrás** nós víamos pessoas usando bandana

Além disso, há outros padrões que evidenciam esse contraste entre as estruturas como: (a) a possibilidade das ETDs-haver, ao contrário das ETDs-ter, funcionarem como adjunto adnominal, como se vê nos exemplos a seguir (5a, b), em que a ETD-haver modifica “prova” e “conclusão da reunião”; com a ETD-ter, a estrutura é agramatical:

- (5) a. Aquela prova **há duas semanas atrás** *desagradou* os alunos.  
b. A conclusão da reunião **há pouco mais de duas horas** no auditório da empresa *mostrou* a divergência entre chefes e funcionários. (AVELAR, 2011, p. 168)  
c. \*Aquela prova **tem duas semanas atrás** *desagradou* os alunos.

(b) a possibilidade de realização do sujeito – expresso ou nulo – nas ETDs-ter, enquanto as ETDs-haver não admitem o preenchimento de sujeito:

- (6) a. “Eu **tenho uns três anos... dois anos** que eu viajo para o Espírito Santo”  
b. “**0** **tenho vinte e dois anos** que eu frequento a religião” (AVELAR, 2011, p. 169)  
c. \*Eu **há uns três anos... dois anos** que eu viajo para o Espírito Santo

(c) a possibilidade de clivagem das ETDs-haver, o que não é possível com as ETDs-ter:

- (7) a. **Foi há** mais de duas horas **que** eu vi a Maria no banco. (AVELAR, 2011, p. 165)  
 b. \***Foi tem** mais de duas horas **que** eu vi a Maria no banco.

(d) o possível deslocamento de interrogativas para a posição inicial da oração apenas nas ETDs-ter:

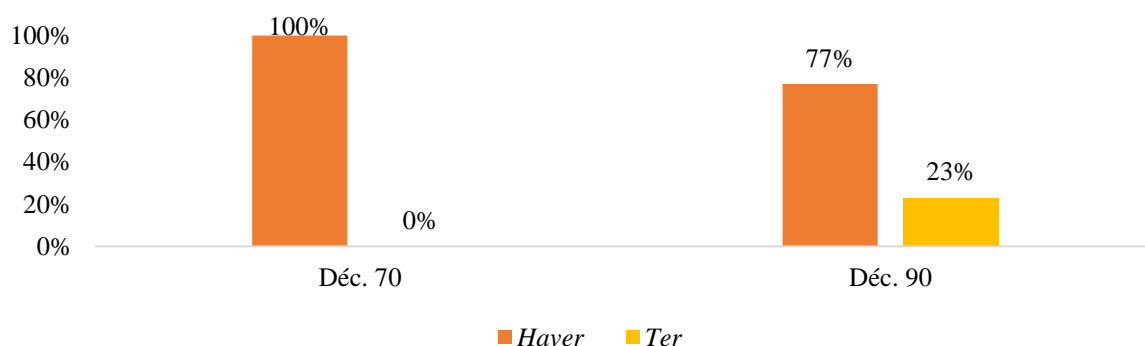
- (8) a. **Tem/Há quantos anos** que você não viaja?  
 b. **Quantos anos tem/\*há** que você não viaja? (AVELAR, 2011, p. 169)

(e) e o fato de que as *ETDs-haver*, quando em posição inicial, permitem a ausência de “*que*” (os parênteses mostram essa opcionalidade) enquanto nas *ETDs-ter* em posição inicial, a presença de *que* parece ser categórica (sua ausência torna a sentença agramatical):

- (9) a. **Há mais de um mês** (que) eu não vejo novela.  
 b. **Tem mais de um mês** \*(que) eu não vejo novela. (AVELAR, 2011, p. 166)

Avelar (2011) ao analisar o comportamento das ETDs com *ter* e *haver* na fala culta carioca (cf. Gráfico 3) em dois momentos separados por um intervalo de cerca de 20 anos, o que consideramos um estudo de “tendência” (LABOV, 1994), observou que a frequência das ETDs-haver é categórica nos anos 1970. Nos anos 1990, sua frequência é de 77% e das ETDs-ter é de 23%, um significativo percentual para o padrão inovador.

**Gráfico 3:** Frequências das ETDs com *ter* e *haver* na fala carioca, entre indivíduos com curso superior, nas décadas de 70 e 90 (Fonte: AVELAR, 2011, p. 174)

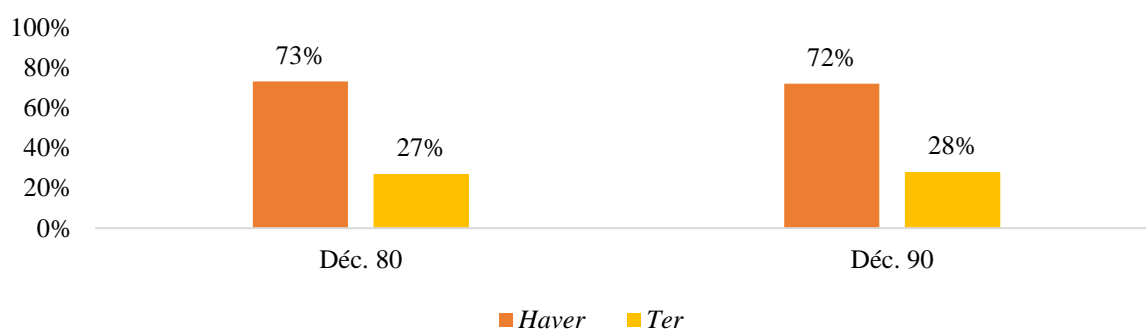


Na fala **não culta**, gravada pelo projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), nos anos 1980 e em fins de 1990, com amostras da fala carioca separadas por cerca de



19 anos, os resultados de Avelar que são vistos no Gráfico 4, revelam que, no primeiro momento, as ETDs-haver aparecem com de 73% e as ETDs-ter já estão implementadas e ocorrem com 27%. Nos anos 1999-2000, é possível notar que o fenômeno permanece estável, tendo as ETDs-haver um percentual de 72% e as ETDs-ter de 28%.

**Gráfico 4:** Frequências das ETDs com *ter* e *haver* na fala carioca, entre indivíduos sem curso superior, nas décadas de 80 e 90 (Fonte: AVELAR, 2011, p. 174)



Há, portanto, evidências de que as ETDs-ter começam a se implementar na fala **não culta** (que inclui falantes com Ensino Fundamental e Médio), mas, na década de 1990 a fala culta já se aproxima desta, segundo a análise de Avelar (2011).

Vitório (2021) em sua análise sobre as ETDs na fala maceioense, inclui a locução *estar com*, mencionada por Avelar, e ilustrada a seguir com um dado da autora:

(10) Tá cum dois anos que eu ando de moto – L5784MF2E2 (VITÓRIO, 2021, p. 255)

Sua análise chegou a um resultado semelhante ao de Avelar no que se refere à variável escolaridade. Apresentamos os resultados de Vitório, que, como dissermos, inclui as ocorrências de com a locução *estar com*, que ocorrem com 13% entre os falantes com curso superior e 9% entre os falantes com ensino médio, sendo mais frequentes entre os falantes com ensino fundamental, com percentual de 29%. Assim, os resultados para as duas estruturas que são objeto deste estudo são as seguintes: as ETDs-haver apresentam um percentual de realização de 83% entre os falantes com curso superior, 67% entre os falantes com ensino médio e 38% entre os falantes com ensino fundamental. Por outro lado, as ETDs-ter entre os falantes com curso superior têm apenas 4% de ocorrências, em relação aos falantes com ensino fundamental que apresentam um percentual de 33% e aos falantes com ensino médio, que revelam 24% de realizações, o que sugere o papel da escolarização no uso de *haver* nessas

expressões, tal como ocorre no uso de *haver* existencial. Portanto, com base nesses resultados, quanto maior o grau de escolarização, maior o uso da variante com *haver* na fala culta. Entretanto, esses estudos sugerem que a implementação de *ter* deve crescer. Não se pode ignorar, entretanto, a implementação de *estar com* na dala de Maceió.

Na seção 4, nossos resultados para a fala carioca gravada mais recentemente serão comparados aos de Avelar e Vitória. Passemos à nossa Metodologia e o suporte teórico, em que descrevemos o material a ser analisado, à luz do que foi descrito na seção anterior a à luz das questões teóricas que guiam nossa pesquisa.

### 3. METODOLOGIA E SUPORTE TEÓRICO

Com base no que foi exposto, nosso objetivo é analisar o uso de *haver* e *ter* para marcar tempo decorrido e observar o comportamento dessas estruturas na fala e na escrita do PE e do PB. Nesta análise, estaremos restritas a observar o comportamento de *haver* e *ter*, mas ressaltamos que os verbos *fazer*, *completar*, *passar* e *dar* também ocorrem em expressões de tempo decorrido, como mencionado em Avelar (2011), como em (11).

- (11) a. **Faz** anos que eu não vou à Europa.  
b. Já **completou** cinco horas que o avião decolou.  
c. Se **passaram** dias até que as crianças fossem encontradas pelos pais.  
d. Ainda não **deu** trinta minutos que eu coloquei o bolo para assar.

(AVELAR, 2011, p. 163)

Para o *corpus* de fala, coletamos dados dos inquiridos da fala carioca – Copacabana e Nova Iguaçu – e da fala lisboeta – Oeiras e Cacém – do Projeto COMPARAPORT, disponível em ([www.corporaport.lettras.ufrj.br](http://www.corporaport.lettras.ufrj.br)), gravados entre 2009-2010, estratificados segundo a faixa etária (18-35, 36-55, 56-75), o nível de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior) e o gênero – tendo um total de 72 entrevistas – 18 para cada localidade.

Nossa hipótese é encontrar o uso exclusivo de ETDs-haver nas peças portuguesas e pouca implementação de ETDs-ter nas peças brasileiras da sincronia mais recente (anos 1990). Em relação à fala, esperamos já observar a implementação de ETDs-ter, especialmente entre os falantes com escolaridade mais baixa. Acreditamos que o uso de *ter* na fala e nas peças brasileiras pode ser favorecido pela possibilidade de esse verbo permitir o preenchimento da

posição do sujeito, o que não ocorre com *haver* (*eu já tenho dois dias que eu não vejo a Maria/tem dois anos que eu não vejo a Maria*\há dois anos que eu não vejo a Maria).

Tendo em mente que peças teatrais são textos escritos que procuram se aproximar da fala de seu tempo, analisamos seis peças, localizadas nos dois períodos extremos – anos 1840 e anos 1990 – que compõem a amostra do projeto de estudos diacrônicos desenvolvidos por minha orientadora e seu grupo de pesquisa disponíveis na Faculdade de Letras da UFRJ. Essa amostra foi utilizada por numerosos trabalhos (reunidos em DUARTE, 2012; em MARINS, 2013; DUARTE *et al.*, 2021, entre muitos outros). Para o PE analisamos cinco peças: “Uma cena de nossos dias”, de Paulo Midosi (1843), “Os logros numa hospedaria”, de Paulo Midosi (1841), “Casar ou meter freira”, de Antônio Pedro de Mendonça (1848), “A vingança de Antero ou a boda deslumbrante” e “Um filho”, de Luísa Costa Gomes (1996). Para o PB, cinco peças foram analisadas: “O noviço”, de Martins Pena (1945), “Como encher um biquíni selvagem”, de Miguel Falabella (1994) “A partilha”, de Miguel Falabella (1990), “No coração do Brasil”, de Miguel Falabella (1992) e “Kaos”, de Millôr Fernandes (1995). Este é um trabalho inicial, que deverá se estender por todos os períodos que compõem a amostra. São sete períodos distribuídos ao longo dos séculos XIX e XX (cf. DUARTE, 2012)

A análise dos dados considera inicialmente os dados de fala espontânea e, a seguir, os dados das peças. Os dados foram codificados com base nos seguintes grupos de fatores linguísticos formulados a partir dos estudos mencionados nesse trabalho, considerando como variável dependente as ETDs-haver e ETDs-ter: (a) presença x ausência de **que** com a ETD anteposta; (b) a presença x ausência de **que** com a ETD posposta; (c) a ocorrência de clivagem; (d) modificação adnominal nas ETDs-haver; (e) a realização do sujeito (nulo ou expreso) nas ETDs-ter; (f) o possível deslocamento de interrogativas para a posição inicial apenas nas ETDs-ter; (g) o tempo verbal da ETD; (h) o tempo verbal da oração em que a ETD está inserida. Os grupos de fatores não linguísticos levam em conta a estratificação já apontada para a amostra de fala e a datação das peças de teatro. A análise estatística utilizará o modelo logístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

O trabalho utiliza como aporte teórico a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), uma vez que fazemos uma análise empírica que procura observar o uso de *haver* e *ter* nas ETDs. Em princípio, não podemos esperar uma competição nas peças portuguesas, pois, como vimos na seção 1, *haver* é o verbo existencial por excelência no PE e, possivelmente, esse mesmo verbo se manterá como o marcador de tempo decorrido. No PB, porém, em que *haver* foi substituído por *ter* na fala, poderemos observar até que ponto a mudança na fala avança e se, nas peças brasileiras, essa competição já ocorre na última

sincronia. Com o suporte da TVM, poderemos fazer uma análise contrastiva no tempo real, observando as duas sincronias representadas pelas peças de teatro; podemos ainda observar a mudança no tempo “aparente” (Tarallo, 1985), a partir da amostra da fala, observando o comportamento das três faixas etárias. O suporte gramatical, que nos permite elencar os referidos fatores linguísticos, levantar hipóteses e responder às questões que guiam o estudo da mudança linguística, se baseia na extinção *haver* existencial no PB e em dois estudos sobre as ETDs; além disso, não podemos ignorar que a preferência por *ter-existencial* no PB e, conseqüentemente, sua extensão para as ETDs deve estar atrelada a mudanças na marcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo (CHOMSKY, 1981), no âmbito da Teoria Gerativa. Dentro dessa perspectiva. Será importante observar o “encaixamento” de uma forma inovadora no sistema linguístico e social. Por encaixamento, a TVM se refere ao surgimento de efeitos colaterais, que não poderiam aparecer no sistema por acaso, mas sim como consequência de uma mudança anterior. Tal como ocorre nas sentenças existenciais, a vitória de *ter* sobre *haver* no PB estaria relacionada à possibilidade de esse verbo poder ser usado em sentenças pessoais, o que não ocorre com *haver*. Esse seria um efeito da remarcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo.

Outra questão que está obviamente relacionada a um processo de mudança é a “transição”. Quais são os estágios observados num processo de mudança? Mencionamos acima os dois períodos extremos da amostra, que compreende sete períodos distribuídos no tempo; os limites deste trabalho não permitem analisar todos os períodos, mas, como foi dito acima, poderemos observar o que dizem os dados desses dois momentos para o PE e para o PB. Nossa expectativa é encontrar na primeira sincronia, tal como Marins (2013) observou, uma gramática semelhante à do PE. Em relação à fala, esperamos encontrar a permanência de *haver* no PE e a competição de *haver* e *ter* no PB, com preferência por *ter* nas camadas mais jovens e menos escolarizadas.

Finalmente, buscaremos observar a “implementação” ou propagação da mudança, acompanhando o efeito dos grupos de fatores, a transição e o encaixamento da mudança. O único problema colocado pela TVM e para o qual não teremos uma resposta é o da “avaliação”, já que não temos a avaliação dos falantes sobre as formas variantes. Como a alternância *haver/ter* não parece sujeita a estigma no PB, não teremos como mensurar essa questão. Testes de percepção talvez sejam necessários para tanto.

#### **4. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

#### 4.1. Resultados para o PE oral

Foram coletados 121 dados extraídos dos inquiridos da fala do Português Europeu (Oeiras e Cacém). O uso de *haver* é categórico nas ETDs entre os falantes de Lisboa, como esperávamos, devido ao estatuto funcional de *haver* nas orações existenciais no PE (MARINS, 2013). Todas as ocorrências apresentam *haver* no presente do indicativo.

Na Tabela 1, a seguir, está a distribuição geral dos dados de acordo com os padrões sintáticos analisados:

**Tabela 1:** Distribuição geral dos dados dos padrões sintáticos com ETDs-haver na fala do PE

Posição ETD	Ocorrência com <i>haver</i>	Ocorrência com <i>ter</i>	Total
ETD em posição final	76/63%	0	76/63%
ETD em posição inicial com ausência de <i>que</i>	33/27%	0	33/27%
ETD em posição inicial com presença de <i>que</i>	12/10%	0	12/10%
-	-	-	121/100%

Podemos observar que ocorre uma preferência pelas construções com a ETD em posição final, com um percentual de 63% de ocorrência. As construções são ilustradas a seguir:

- (12) a. Não sei. Eu sou casada **há dezenove anos** [OEI B 3 M]  
b. O meu marido já tá **há muito tempo** em Lisboa [CAC B 3 M]  
c. Eu trato de casos de imigrantes **há uns oito anos** [OEI A 3 M]

As construções com ausência de *que* com a ETD anteposta também têm uma frequência considerável nas ETDs analisadas (27%) em comparação às estruturas com a presença de *que* com ETD anteposta (10%). Exemplificamos os dois padrões, respectivamente, em (13) e (14).

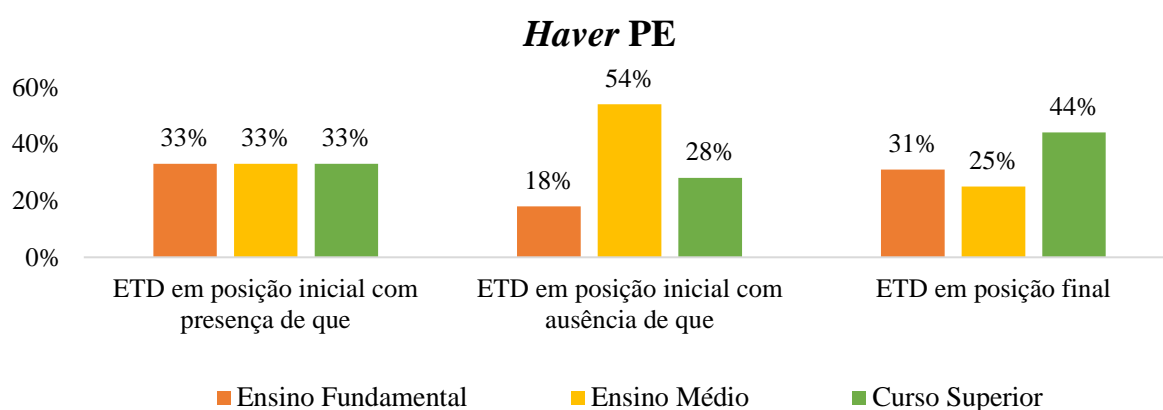
- (13) a. **Há pouco tempo** fui operado e não tive razão de queixa nenhuma. [OEI B 1 H]  
b. **Há uns anos atrás** tinha quatro funcionários. Hoje, tem dois: um de manhã e um de tarde [CAC A 2 M]  
c. **Há muitos anos** havia um dos veterinários de Évora. [OEI C 2 H]

- (14) a. **Há dois anos** que não sei o que é ter lucro [CAC C 1 H]  
 b. **Há muito tempo** que não passava por lá foi agradável [CAC C 2 M]  
 c. **Há muitos anos** que já não tenho matemática [OEI A 3 M]

Ressaltamos que não foram encontradas estruturas com ETDs-haver modificando um SN (como adjunto adnominal) nem ETDs-haver clivadas, como ilustramos na seção 2, nos exemplos (5) e (7) de Avelar, respectivamente. Por isso, nesse trabalho, ficaremos restritos aos três padrões sintáticos acima

O Gráfico 5 mostra a distribuição dos padrões sintáticos em relação ao nível de escolaridade. A distribuição do padrão com ETD com a presença de **que** é a mesma para os três níveis de escolaridade (33%). Na ausência de **que**, a ETD em posição inicial alcança o índice mais alto entre os falantes com Ensino Médio (54%), bem distante dos com Ensino Superior (28%) e Ensino Fundamental (18%). Finalmente, a preferência pelas ETDs em posição final fica com os falantes com curso Superior (44%) e é mais equilibrada entre os demais falantes.

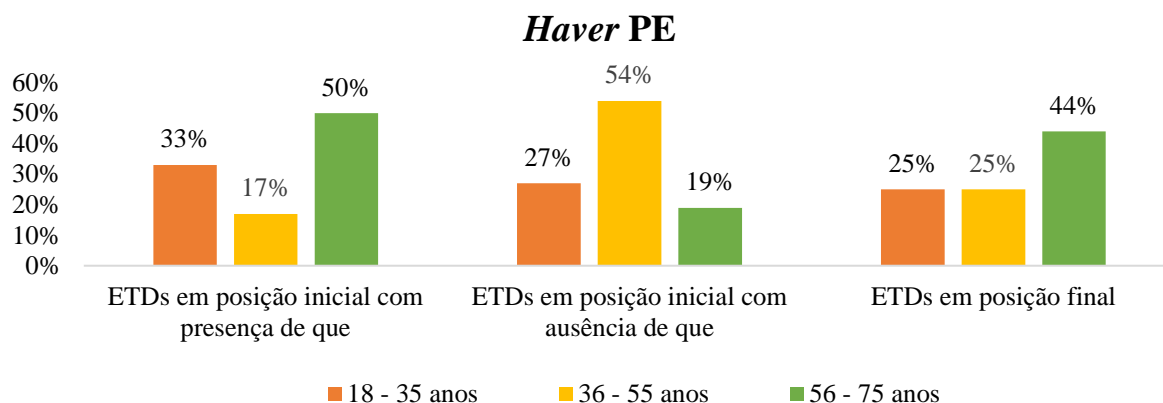
**Gráfico 5:** Distribuição dos padrões sintáticos das ETDs-haver em relação ao nível de escolaridade dos falantes do PE



Os resultados obtidos para a faixa etária, exibidos no Gráfico 6 a seguir, revelam que as ETDs em posição inicial com presença de **que** têm alta frequência entre os falantes mais velhos (50%) e, entre os mais jovens, (33%); a frequência desse padrão entre os falantes de idade intermediária é baixa (17%). As ETDs em posição inicial sem o **que**, por outro lado, apresentam um percentual alto entre os falantes de idade intermediária (54%), diferente dos percentuais entre falantes mais jovens (27%) e os mais velhos (19%). Por fim, as ETDs em posição final

são mais frequentes entre os falantes mais velhos (44%) e têm a mesma distribuição entre os falantes mais jovens e os de idade intermediária (25%).

**Gráfico 6:** Distribuição dos padrões sintáticos em relação à faixa etária dos falantes do PE



Dos resultados expostos, fica evidente a liderança do padrão com a ETD sem o **que** entre os falantes com Ensino Médio, seguido pelo padrão com a ETD final entre os que têm Ensino Superior. Com a presença de **que**, temos equilíbrio. Quando, porém, olhamos para as faixas etárias, podemos vislumbrar uma tendência de mudança em favor das ETDs em posição inicial com **que** (33%, 27%, 25%), exibidos pelos jovens nas colunas em laranja para os três padrões, respectivamente). Estaríamos diante de uma mudança em tempo “aparente” no PE em relação à preferência por ETDs-haver com **que**?

#### 4.2. Resultados para o PB oral

Passaremos agora aos resultados para o PB oral: a amostra da fala carioca – Copacabana e Nova Iguaçu – totalizou 103 dados, dos quais 83 (81%) são com haver e 20 (19%) com ter. Vemos, então, que, apesar de ainda em estágio inicial, as ETDs-ter estão se implementando na gramática do PB. As ETDs da amostra da fala do PB apresentam presente do indicativo (há/tem muito tempo que não faço compras), como na fala do PE. Vemos a distribuição dos dados de acordo com os padrões sintáticos na Tabela 2 a seguir:

**Tabela 2:** Distribuição geral dos dados dos padrões sintáticos da fala do PB

Posição ETD	Ocorrência com <i>haver</i>	Ocorrência com <i>ter</i>	Total
-------------	-----------------------------	---------------------------	-------

ETD em posição final	66/90%	7/10%	73/100%
ETD em posição inicial com ausência de <i>que</i>	13/65%	7/35%	20/100%
ETD em posição inicial com presença de <i>que</i>	4/40%	6/60%	10/100%
-	-	-	103/100%

Como podemos ver, quando comparadas com o uso de ETDs-ter, há uma ampla preferência pelas ETDs em posição final com o verbo *haver*, assim como ocorre no PE, enquanto as ETDs-ter alcançam 10%. Ilustramos, a seguir, essas estruturas com dados extraídos da amostra:

- (15) a. A minha conhecida mora naquela favela **há sessenta anos** [COP 1 B H]  
b. Ele já tá no emprego já **há cinco anos** [COP 2 C H]

- (16) a. A perda da minha mãe **tem doze anos** [NIG B 1 M]  
b. Eu sempre choro, lembro dele. Olha que já **tem anos** [NIG B 2 M]

O padrão com as ETDs em posição inicial com ausência de *que* tem frequência de 65% com *haver* e 35% com *ter*. Em Avelar (2011), entretanto, não foram atestadas ETDs-ter em posição inicial com ausência de *que*.

- (17) a. **Há pouco tempo** até teve um problema aqui em Copacabana de violência [COP 2 B M]  
b. **Há pouco tempo** viajamos pra Fortaleza também [COP 3 B H]
- (18) a. Não **tem muitos anos** mataram um professor dessa escola aqui [NIG B 1 M]  
b. **Tem mais de vinte anos** no prédio [COP 2 B M]

No entanto, o padrão com as ETDs em posição inicial com a presença de *que* alcança 40% com *haver* e 60% com *ter*. Note-se, entretanto, que, em termos absolutos, este é o padrão menos frequente no PB oral, tanto com *haver* quanto com *ter*. O padrão mais frequente nas ETDs do PE (ETDs em posição final) é ainda o mais frequente e mais resistente nesse processo de mudança.



Podemos perceber a possibilidade da ausência de *que* nas ETDs-ter em (18) e nas ETDs-haver em (19), o que não é possível nas ETDs-ter em (20).

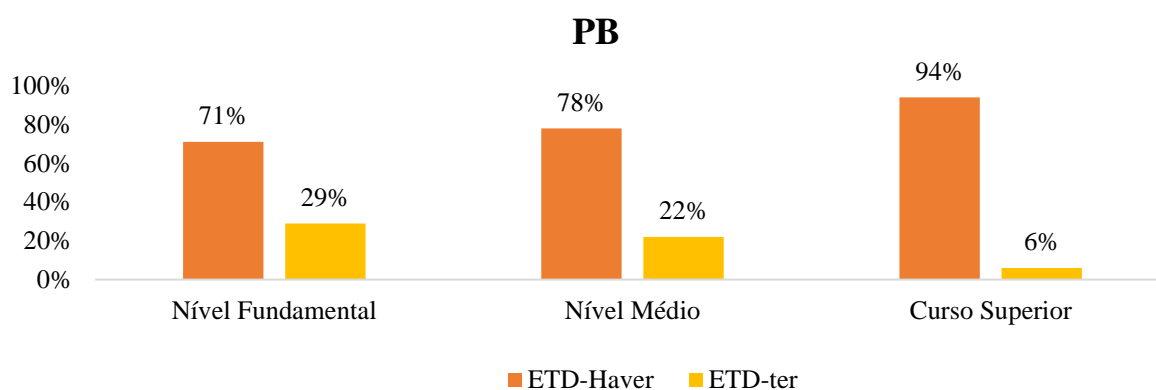
- (19) a. **Há muitos anos que** eu voto em branco [NIG B 1 H]  
b. **Há pouco tempo que** ela concluiu o ensino médio [NIG A 3 M]
- (20) a. **Tem dez anos que** eu não vou mais à praia mais ou menos isso [COP C 2 H]  
b. **Tem uns cinco meses que** eles se separaram [NIG A 1 H]

Em relação à realização do sujeito, a análise aponta que das 20 ETDs-ter coletadas, apenas duas apresentam a realização de sujeito. Podemos observar essas estruturas a seguir:

- (21) a. Eu **tenho muito tempo** aqui em cima sabe [COP 1 C H]  
b. Agora, com meu marido eu já **tenho quatro anos** já [COP 1 A M]

Vejamos agora o Gráfico 7:

**Gráfico 7:** Distribuição de *haver* e *ter* em relação ao nível de escolaridade dos falantes do PB

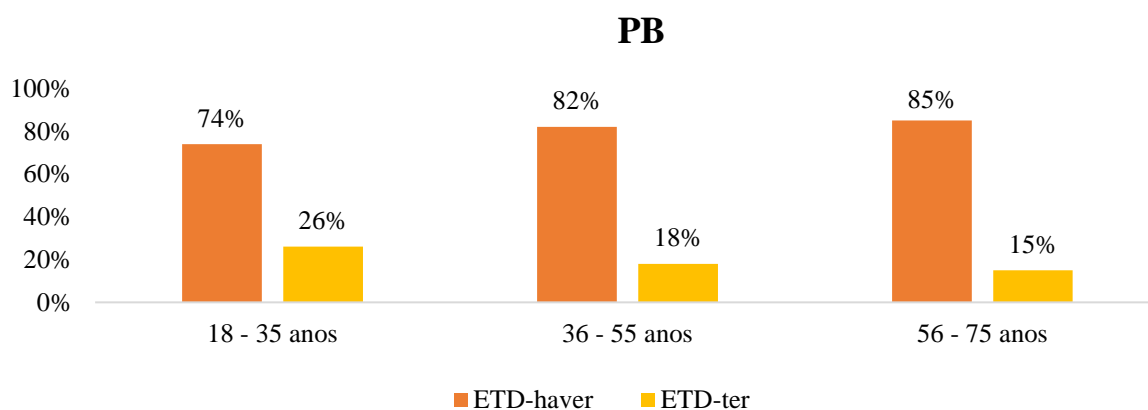


Considerando o uso de ETDs-haver e ETDs-ter, distribuídos no Gráfico acima, em relação ao nível de escolaridade, os resultados mostram o predomínio de *haver* em todos os níveis, mas também revelam a implementação de *ter*, que é maior entre os falantes com Ensino Fundamental (29%) e com Ensino Médio (22%). Entre os falantes com Curso Superior essa implementação cai para 6%, reforçando o papel da escolarização na resistência do *haver* nessas construções.

Comparando esses resultados com os de Avelar (2011), exibidos nos Gráficos 3 e 4 na seção 2, podemos apontar que, na presente análise (Gráfico 7), que inclui três níveis de escolaridade, observamos resultados semelhantes aos de Avelar, para a fala **não culta** (os falantes com Ensino Fundamental e Médio) apresentam uma média de 25,5% de ETDs-ter. Quanto à fala **culta**, ao contrário, os percentuais que atestamos são bem mais baixos (6%), enquanto os falantes da amostra NURC alcançam 23% na década de 1990. Não temos ainda uma hipótese para essa diferença. Precisamos de novas amostras observar o que poderia explicar tal fato. Uma possível hipótese pode estar relacionada à dimensão da amostra, que tem seis falantes com curso superior, dois por faixa etária, enquanto a amostra NURC conta com maior número de falantes.

Em relação à faixa etária, os resultados no Gráfico 8 abaixo, os resultados apontam que os falantes mais jovens apresentam índice mais alto de ETD-ter (26%), o que confirma nossa hipótese de que há implementação da forma inovadora entre os mais jovens e sugere mudança no tempo “aparente” (cf. TARALLO, 1985). A implementação é mais resistente entre os falantes mais velhos (15%) e os de idade intermediária (18%).

**Gráfico 8:** Distribuição de *haver* e *ter* em relação à faixa etária dos falantes do PB



Com base nos resultados descritos acima, vimos que a escolarização tem um papel importante na resistência das ETDs-haver, tendo baixa ocorrência de ETDs-ter entre os falantes com Curso Superior. A forma inovadora ocorre mais entre os falantes com Ensino Médio e principalmente, entre os falantes com Ensino Fundamental. Há, no entanto, evidências da implementação de ter nos três níveis de escolaridade.

Na seção, a seguir, mostraremos os resultados da escrita do PE.

### 4.3. Resultados para as peças de teatro portuguesas

Na pequena amostra da escrita do PE, o uso de ETDs-haver é categórico, como ocorre na fala, tendo um total de 46 dados coletados, sendo 14 dados nos anos 1840 e 32 nos anos 1990, os dois períodos extremos da amostra de peças, que compreende sete períodos. Mais uma vez, o verbo no presente do indicativo é categórico.

A Tabela 3, a seguir, mostra a distribuição dos dados pelos padrões sintáticos em cada sincronia.

**Tabela 3:** Distribuição dos dados de ETDs-haver nas peças portuguesas, segundo os padrões sintáticos nas peças portuguesas

<b>Posição ETD</b>	<b>1840</b>	<b>1990</b>
ETD em posição final	9/64%	20/63%
ETD em posição inicial com presença de <i>que</i>	2/14%	10/31%
ETD em posição inicial com ausência de <i>que</i>	3/22%	2/6%
-	14/100%	32/100%

Como vimos acima, nos anos 1840 e 1990, as ETDs em posição final têm alta frequência, com um percentual de 64% e 63%, respectivamente, tal como ocorre na fala do PE. Exemplificamos essas estruturas com dados extraídos da amostra:

- (21) a. BIJOU - Está no jardim, aonde o deixei **há pouco**, antes de me dirigir para esta sala. [Uma cena de nossos dias, Paulo Midosi, 1843]  
b. AMBRÓSIO - Venho a dizer, que são precisos pintos para o pobre Ambrósio, que os não vê **há meses**: pintos, Sr. Alberto, entende? [Uma cena de nossos dias, Paulo Midosi, 1843]
- (22) a. HERNÂNI - Não, nem pensar. Já aqui estou **há muito tempo**. É altura de me ir embora. [Um Filho, Luísa Costa Gomes, 1996]  
b. HOLLY - Você não faz outra coisa **há anos**, não é, Margareth? [No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992]

As ETDs em posição inicial com a **presença** de *que* têm frequência inferior nos anos 1840, com 14% e aumentando para 31% nos anos 1990, como ilustramos em (23) e (24):

- (23) a. AMBRÓSIO - Que será feito do Sr. Alberto? **Há meia hora** que o procuro, sem lhe poder falar. [Uma cena de nossos dias, Paulo Midosi, 1843]  
b. PANTALEÃO - Ainda não **há meia duzia de horas** que cheguei das Barrocas [Os Logros Numa Hospedaria, Paulo Midosi, 1841]
- (24) a. HEITOR - Além disso, **há anos** que não vejo passar um caminhão. [Um Filho, Luísa Costa Gomes, 1996]  
b. JACQUES - Este foi o primeiro, **há anos** que não passava nenhum! [Um Filho, Luísa Costa Gomes, 1996]

Finalmente, as ETDs em posição inicial com **ausência** de *que*, nos anos 1840, apresentam apenas 3 dados (22%) e, nos anos 1990, com 2 dados (6%), como vemos em (25) e (26):

- (25) a. VALÉRIO - **Há três anos**, se bem me lembro, trouxe-me uma lista, a que chamava da escolha de homens independentes. [Uma cena de nossos dias, Paulo Midosi, 1843]  
b. VALÉRIO - **Há pouco mais de dois**, apresentou-me outra, que me disse que era tudo gente sã, amigos da ordem. [Uma cena de nossos dias, Paulo Midosi, 1843]
- (26) a. O PAI DA NOIVA – [...] Olá, como estão? **Há quanto tempo** não os vejo! [A vingança de Antero ou a boda deslumbrante, Luísa Costa Gomes. 1996]  
b. LÍVIA - Primos, **há muito tempo....** empregada, não, não me lembro, não consigo lembrar-me. [Um Filho, Luísa Costa Gomes, 1996]

Apesar do pequeno número de dados, podemos ver que o PE se mantém está nos dois momentos-limite da nossa amostra, com a preferência pelas ETDs-haver com posição final, acompanhando a preferência e a mesma ordem de padrões atestadas para a fala.

#### 4.4. Resultados para as peças de teatro brasileiras

Nas peças brasileiras, coletamos um total de 45 dados, 16 (35,5%) nos anos 1840 e 29 (64,5%) nos anos 1990. Sendo 91% de ETDs-haver. Na amostra de 1840, foram coletadas 16 ETDs-haver. Na amostra de 1990, encontramos 25 ETDs-haver e apenas 4 ETDs-ter (9%). Na Tabela 4, vemos a distribuição das ETDs-haver nos padrões sintáticos:

**Tabela 4:** Distribuição dos dados dos com ETDs-haver nas peças brasileiras, segundo os padrões sintáticos nas peças brasileiras

<b>Posição ETD</b>	<b>1840</b>	<b>1990</b>
<i>ETD</i> em posição final	7/44%	16/64%
<i>ETD</i> em posição inicial com presença de <i>que</i>	7/44%	5/20%
<i>ETD</i> em posição inicial com ausência de <i>que</i>	2/12%	4/16%
-	16/100%	25/100%

Podemos ver que as ETDs em posição inicial com a presença de *que* têm ocorrência de 44% nos anos 1840 e 20% nos anos 1990.

- (27) a. ROSA - Eu chamo-me Rosa. **Há uma hora** que cheguei do Ceará no vapor Paquete do Norte. [O Noviço, Martins Pena, 1845]
- b. HOLLY - **Há anos** que aqueles anões horrorosos vêm atirando madrastras do penhasco. [No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992]

A frequência das ETDs em posição inicial com ausência de *que* é baixa nos dois períodos analisados, como ocorre na escrita de PE, com 12% nos anos 1840 e 16% nos anos 1990.

- (28) a. AMBROSIO - (...) **Há oito anos**, era eu pobre e miserável, e hoje sou rico, e mais ainda serei. [O Noviço, Martins Pena, 1845]
- b. REGINA - (...) **Há quanto tempo** foi isso? Vinte? Vinte e cinco anos? [A partilha, Miguel Falabella, 1990]

No entanto, as ETDs em posição final, nos anos 1840, têm o mesmo percentual das ETDs iniciais com a presença de *que* 44%. Nos anos 1990, há uma preferência por essas ETDs, com 64% de ocorrência.

- (29) a. CARLOS - Por que motivo? Pois faltam motivos para se fugir de um convento? O último foi o jejum em que vivo **há sete dias** [O Noviço, Martins Pena, 1845]  
b. HOLLY - Você não faz outra coisa **há anos**, não é, Margareth? [No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992]

Como mencionamos acima, foram computados apenas 4 dados com ETDs-ter, que são ilustrados a seguir:

- (30) a. DOLORES - **Tem uns dois dias** que eu tô com essa vontade de comer telha. [No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992]  
b. DOLORES - **Tem mais de um ano** que ela tá empacada na lição da tal Helene que vai viajar pra Paris. O diabo da mulher não viaja nunca! [No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992]  
c. VANESSA - **Tem uns seis anos** que eu não consigo arranjar nada! Você já imaginou como é que eu me sinto? [Como encher um biquíni selvagem, Miguel Falabella, 1994]  
d. NILSON - Esse passou no Pathé **tem uns dois anos já**. [No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992]

Em (30a), (30b) e (30c), as ETDs estão em posição inicial e têm a presença de *que*. Em (30d), a ETD se encontra em posição final. Um fato importante é que as quatro ETDs-ter são reproduzidas por personagens jovens e/ou com o grau de escolarização baixo, o que revela uma aproximação com a fala, em que observamos que falantes sem curso superior tendem a usar mais a forma-inovadora.

Como esperávamos, o uso de *haver* nas ETDs é categórico nos anos de 1840, se assemelhando ao PE. Entretanto, há evidências de implementação do uso *ter* nos anos 1990, o que sugere que as peças teatrais tendem a se aproximar da fala.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na seção 1, vimos que *haver* é verbo existencial por excelência no PE. No PB, porém, ocorre a vitória de *ter* sobre *haver*, devido à perda de seu estatuto verbal. Com base nos resultados apresentados nesta Monografia, observamos que *haver* se mantém absoluto como marcador de tempo decorrido no PE. No PB, por outro lado, percebemos a implementação de *ter* nas ETDs, de maneira mais significativa na fala.

Em relação à escolaridade, confirmamos nossa hipótese de que a frequência de ETDs-*ter* é maior entre os falantes sem curso superior, uma vez que a escolarização tem o papel de preservar ou recuperar o uso da forma conservadora, por ação do contato com a escrita. O uso de *ter* nas ETDs também é maior entre os falantes mais jovens, uma sugestão de mudança em tempo “aparente” (TARALLO, 1985).

Além disso, observamos a regularidade no uso categórico de ETDs-*haver* nas peças teatrais de PE nos dois períodos analisados, confirmando não só sua robustez como verbo funcional para a expressão da existência, como mostrou Marins (2013), mas também como o verbo único para a expressão do tempo decorrido. A implementação de ETDs-*ter* nas peças brasileiras dos anos 1990 indica que este é um gênero que deverá proporcionar o progresso da mudança, acompanhando o que se observa na fala. É preciso destacar que o material analisado ainda é pequeno e deverá ser ampliado em trabalho futuro.

Este trabalho diacrônico, que utilizou poucas peças escritas em duas sincronias, será tema de dissertação de mestrado que pretendo apresentar ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas no próximo Exame de Seleção. Temos à disposição um grande acervo de peças (organizado por Marins e Duarte, disponível na sala D-23 da Faculdade de Letras e estará em breve acessível num *site*), o que permitirá verificar como se comporta o PB ao longo do tempo, além de confirmar a estabilidade do PE.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, J. Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 2, jun./dez. 2006, p. 99-143.

\_\_\_\_\_. Expressões de tempo decorrente com ter e haver na fala carioca. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 161-180, 2011.

CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá*, n. 9, 2000, p. 85-100.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, SP, 1995.

\_\_\_\_\_. *et al.* *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.

\_\_\_\_\_. *et al.* A redução no quadro de clíticos de terceira pessoa no português brasileiro: um estudo diacrônico. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 7 (Especial), p. 154-187, 2021.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Some key features of Distributed Morphology. *MIT working papers in linguistics*, v. 21, 1994, p. 275-288.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change – Internal Factors*. Blackwell: Mass. 1994.

MARINS, J. E. As sentenças existenciais no PB: ecos da mudança na marcação paramétrica. *In: DUARTE, M. E. L. et al.* (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 83-100.

\_\_\_\_\_. *As repercussões da remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo: um estudo diacrônico das sentenças existenciais com ter e haver no PB e no PE*. Rio de Janeiro, 2013. 154f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

SANKOFF, D; TAGLIAMONTE, S; SMITH, E. *Goldvarb X Programs*. Canadá: University of Toronto, 2005.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Ática, 1985.

VITÓRIO, E. Expressões de tempo decorrido na fala maceioense. *In: MARINS, J. E.; ORSINI, M.; CAVALCANTE, S. R. O.* (org.). *Contribuições à descrição e ao ensino do Português Brasileiro: da fonética ao discurso, com parada obrigatória na sintaxe – uma homenagem a Maria Eugênia Lammoglia Duarte*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 239-260.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança Linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.